



**AMAZÔNIA NO PLURAL: RELIGIÕES,  
FRONTEIRAS E IDENTIDADES**

I SIMPÓSIO NORTE DA ABHR  
IX SEMANA DE HISTÓRIA DO CESP/UEA  
I FAZENDO ARTE NORTE

**BENZIÇÃO AMAZÔNICA:  
CATOLICISMO E MEDICINA POPULAR**

GT 1: O PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DA  
IDENTIDADE ÉTNICO-RELIGIOSA NA AMAZÔNIA...

Jucimara Carvalho da Silva<sup>1</sup>

Deilson do Carmo Trindade<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Bacharela em Serviço Social pelo Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia da Universidade Federal do Amazonas. E-mail: jucimara34carvalho@gmail.com

<sup>2</sup> Doutorando e mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas. E-mail: deilson@ifam.edu.br.

Na elaboração do discurso das benzedeadas de Parintins, cidade do interior do Estado do Amazonas, podemos perceber que a construção de sua identidade e de seus espaços de atuação ocorre dentro de um processo de sistema social e simbólico local. Isso fica claro quando as mesmas demonstram ter necessidade de serem identificadas como benzedeadas, e não de outra forma. Detentoras de um saber popular capaz de curar e aliviar vários males, e também como católicas praticantes, tendo elas seus santos de devoção, encontrando assim, aberturas para a sua inserção no território da religiosidade, onde a predominância é masculina. No Campo da cura e tratamento das enfermidades, a benzedeadas atua em especialidades próprias, não rivalizando com a medicina institucional, pois, a significação do ofício que tem estreita relação com a missão dada por Deus a elas, lhes capacitam para atuarem onde a medicina oficial não compreende e, não obstante, não chega.

As benzedeadas, de modo geral, ao atuarem no campo do sagrado delimitam o espaço feminino dentro da sociedade historicamente construída pelo modo de vida patriarcal. Neste modelo de sociedade, ser boa mãe e esposa submissa restringe significativamente o papel da mulher, negando a ela novas possibilidades. As instituições sociais continuam a reforçar o discurso do domínio masculino que se desdobra na esfera pública, onde o homem tem o direito “natural” de assumir funções de destaque, chefia e comando. Enquanto à mulher é legado o lugar na esfera privada onde ela desempenha os papéis inerentes ao bem-estar da família e dos serviços domésticos. Para Torres (2002, p.53),

Historicamente, homens e mulheres vêm ocupando diferentes posições na sociedade e tradicionalmente lhes têm sido atribuídos diferentes papéis que, uma vez internalizados, são tidos como ‘naturais’.

Esses atributos e funções são definidos com base na distinção entre os sexos. Assim, a identificação do homem e da mulher também são processos construídos socialmente, daí a constatação de Saffioti de que ‘a identidade social da mulher, assim como a do homem, é construída através da atribuição de distintos papéis, que a sociedade espera ver cumprido pelas diferentes categorias de sexo’.

A atuação das benzedeadas tem mostrado outro caminho na sociedade contemporânea. Elas são os sujeitos centrais nas famílias, não são os homens. As benzedeadas promovem uma mudança social nas relações sociais a partir das práticas de benção que exercem, divergindo do modelo patriarcal por deterem o “poder” da cura no espaço em que atuam. Na prática da benção homens e mulheres, indistintamente, se submetem à autoridade da mulher benzedeadas.

No campo da benção onde existe um número maior de mulheres que benzem em relação aos homens, o poder da benzeira é legitimado pela comunidade, e isso nos leva a observar o deslocamento de papéis na sociedade patriarcal. A autoridade exercida pela mulher no campo da benção faz com que, em muitos casos, os maridos das benzeiras exerçam funções auxiliares durante o procedimento da benção reconhecendo, assim, o papel primordial da mulher benzeira. Esse é o caso de dona Rosa que sempre conta com a ajuda de seu marido João quando vai benzer. “Ele busca uma vassourinha ali, ou um óleo pra mim consertar. Ele sempre vai buscar a andiroba, ou uma outra coisa que eu precise, ele me ajuda”. (Entrevista/pesquisa de campo).

Esse poder exercido na benção é transportado para a vida cotidiana. No caso de dona Rosa é ela quem exerce a chefia da casa, e mesmo fazendo algumas atividades domésticas é seu marido o principal responsável pelas tarefas do lar. Dona Zenaide do mesmo modo governa a sua família, enquanto que dona Nazaré que é viúva também tem a liderança em sua casa e muitos dos afazeres domésticos como o preparo das refeições é feito por seu genro. Essa realidade é confirmada por Perrot (2001, p. 189), segundo a qual “os trabalhos domésticos não são apanágio exclusivo das mulheres, e os homens podem ajudar; por exemplo, a preparação de certos alimentos fica a cargo deles”. Constatamos em nossa pesquisa que o fato de as benzeiras estarem sempre ocupadas com a benção, levou as a um afastamento natural dos afazeres domésticos.

Ao promoverem a cura pelas orações, as benzeiras entram no campo religioso de tradição patriarcal, para quem a presença feminina incomoda e causa instabilidade. Isso ocorre devido ao fato de que em várias épocas e sociedades as mulheres sempre foram culpabilizadas pela existência do mal, de terem intercursos com o demônio e com o pecado, pois “a imagem de diabolização da mulher no ocidente cristão é algo bem antigo” (TORRES, 2005, p.55), servindo como justificativa para a desestabilização da ordem social. Por muito tempo elas ficaram fora de rituais e procedimentos religiosos, por conta dessa desmoralização de cunho patriarcal que as preteriram ao afirmar que,

As mulheres são seres que se deixam ludibriar pelo demônio – representado pela serpente – com grande facilidade. Na literatura pagã matricêntrica, a serpente é símbolo máximo da sabedoria, pois, além de representar a fertilidade é capaz também de se transformar em demônio para manipular seres fracos, através da volúpia, da concupiscência e da permissividade. (TORRES, 2005, p.76).

É por isso que há a necessidade de as benzeiras justificarem sua inserção no espaço religioso apropriando-se do discurso dominante de submissão, delegando a cura a Deus. “Deus

me deu esse dom pra curar, porque se Deus não me desse esse dom, eu não fazia esse trabalho” (dona Nazaré, entrevista/pesquisa de campo).

Ao devotar obediência à divindade de feições masculinas, delegando a Deus todo o crédito da cura, pois as benzedoras afirmam que “é ele, Deus, que cura e não a gente” (Dona Rosa, entrevista/pesquisa de campo), elas sustentam seu ofício e se inserem no campo religioso, “apropriando-se do sagrado como atributo feminino na medida em que a função (benzedora) identifica o gênero” (GOMES e PEREIRA, 2004, p.134). É assim que essas mulheres assumem proeminência sobre os homens sem que haja uma desestabilização social do gênero masculino. Na prática, fazem da benção quase uma exclusividade feminina. Em Parintins, mesmo praticando procedimentos semelhantes e sanando as mesmas enfermidades, os homens são chamados de curadores e não benzedores, como se observou. Segundo Gomes e Pereira (2004, p.133), “as benzedoras abrem fissuras nessa ordem social”, ganhando o respeito e a credibilidade de homens e mulheres que as procuram.

O ato de benzer foge do controle do Estado e do saber erudito. Interfere fortemente na realidade local mudando o modo de vida da população. Mas, essa situação não é tão simples assim, pois agindo à revelia de qualquer controle institucional, explicando e interferindo de maneira simples nas realidades em que atuam, as benzedoras são constantemente discriminadas, tendo como agravante o fato de serem mulheres. Daí serem acusadas de charlatanismo e feitiçaria. Deve-se conhecer que das mulheres que exercem atividades que fogem do controle do Estado e da Igreja não é recente, elas sempre estiveram sob o controle político religioso que, além de negarem sua legitimidade, tentam desqualificá-las, puni-las e eliminá-las. A esse respeito, Oliveira (1985, p.18), afirma que,

Se voltarmos os olhos na história, veremos que numa época um pouco longínqua, situada entre os séculos XVI e XVIII, a igreja entrava no campo da saúde curando pessoas, através de assistências de caridade e de rituais de exorcismo. No entanto, pessoas que se acreditavam com poderes sobrenaturais para fazer curas, adivinhações do passado, presente ou futuro, e por serem consideradas inferiores – do ponto de vista econômico e social – e ainda por romperem com as normas, a ordem e os valores que a igreja defendia, faziam desafios a ela.

Então, qualquer intriga, fuxico ou futrica ligado a sua vida, ao seu trabalho ou às relações sociais que as vinculavam, qualquer pequeno ato considerado um deslize moral, que não conseguiam explicar, por exemplo, era decifrado rapidamente como estando associado à posse de bruxaria, de feitiçaria e de magia, sem mesmo que elas pudessem se defender.

Ainda hoje ser confundida com uma feiticeira ou macumbeira causa um mal-estar entre as benzedeadas. Dona Rosa, por exemplo, se incomoda em ser chamada de macumbeira, confusão esta, feita por muitas pessoas por conta da festa de São Sebastião, santo bastante festejado nos terreiros de Parintins, e também por ela, em um barracão no terreno ao lado de sua casa. A herança histórica de perseguição principalmente às mulheres com poderes mágicos de cura, que levou a Europa a caça às bruxas, associando tais práticas aos desvios da fé, relacionando seus poderes com o mal e ao demônio, ainda pode ser percebido na fala de dona Rosa. Ao fazer a distinção de seu trabalho de benção com os de feitiçaria, dona Rosa nos diz que,

Eu não gosto de feitiço e não gosto que ninguém me peça. Pois no meu caso, eu faço o bem, mas o mal não. Deus me livre, eu não gosto de fazer isso. E se alguém vier me pedir pra fazer um feitiço eu vou dizer que não. Porque eu não vou fazer feitiço, eu não vou ganhar dinheiro por causa disso. Agora, todas as benção que eu faço eu não cobro nada, a pessoa tem consciência aí elas me dão dois reais, um real, assim, só assim. Eu não sou como esses macumbeiros, que são de vinte reais que cobram. Aliás, vinte não, são de cem reais, de oitenta reais, de duzentos reais. Não é assim não que deve ser. E eles, os que procuram os macumbeiros pagam o que é cobrado. (Dona Rosa, entrevista/pesquisa de campo).

Percebe-se que há uma clara separação feita por dona Rosa entre a benção e a feitiçaria. A benção é uma prática gratuita, uma dádiva de Deus que deve ser partilhada, ficando explícito o compromisso de ajudar o próximo sem esperar recompensas. A retribuição financeira do benzedido advém de sua consciência espontânea, diferente dos macumbeiros que dona Rosa relaciona com o mal porque cobram por seus serviços, descaracterizando o comprometimento de ajudar o próximo, não tendo dessa maneira para ela uma ligação com Deus.

A imagem que comumente se faz de uma pessoa que benze é “Geralmente a de uma mulher, casada, mãe de alguns filhos, pobre, que conhece rezas, ervas, massagens, cataplasmas, chás e simpatias, que tenha um quê de mistério, que lide com magia”, Oliveira (1985, p.25). Essa preocupação em não ser reconhecida como benzedeadora pode ser constatada na fala de dona Nazaré quando inquerida se já usou seu dom para fazer o mal a outrem. Vejamos:

Nunca, graças a Deus que não. E se vierem me pedirem eu não faço. Pois os espíritos que me deram esse dom não admitem que eu faça essas coisas não. Eles, os meus espíritos não são desses que fazem o mal não. Não são espíritos assim da maldade. Não faço e nem to arrependida de não ter feito, não faço não. Eles, os espíritos, não admitem. Deve-se fazer o bem né, se for pra fazer o mal não dá. Porque nós todos somos seres humanos. Não

pode, eu não, nem que me pagassem pra fazer eu não faria isso não. (dona Nazaré, entrevista/pesquisa de campo).

O compromisso assumido em fazer o bem como forma de reconhecimento do dom recebido faz com que essas mulheres associem a benção com a ação concreta do divino, materializado na bondade de Deus com as pessoas, principalmente com as crianças. Por isso quando dona Nazaré (entrevista, pesquisa de campo) nos afirmar que “deve-se fazer o bem né, se for pra fazer o mal não dá”, ela nos mostra que a benzeira para não ser confundida deve honrar o dom recebido e conseqüentemente assumir o compromisso de praticar o bem, legitimando o seu ofício.

Oliveira, (1985, p.61-62) diz que “a validade da medicina popular está ligada à eficácia das práticas junto à população e as estratégias de manipulação pelos próprios profissionais de cura sobre o seu trabalho”. Por isso, “é muito comum estes profissionais não gostarem do rótulo de curandeiros, macumbeiros”. Assim, “ao persistirem estes rótulos, eles buscam, contrariamente, meios de resgatar o outro lado da sua identidade. Aqui os adjetivos de bons, honestos, verdadeiros, eleitos, escolhidos [...] são utilizados com muita frequência”. Tanto dona Rosa quanto dona Nazaré e dona Zenaide, fazem questão de serem reconhecidas como benzeiras e merecedoras desses adjetivos.

A mediação entre o benzido e o sagrado desempenhado pelas benzeiras nos remete a um discurso que encontra sustentação em dois princípios que interagem entre si, para dar manutenção ao exercício da benção. As benzeiras utilizam-se do discurso comum caracterizado pela retórica do sagrado em que a ligação direta com os símbolos e ritos cristãos, servem para legitimar e familiarizar suas práticas do cristianismo.

Associado a este discurso eivado de elementos religiosos, há outro discurso ligado ao cotidiano, mais particularizado a benzeiras e benzidos, que serve para firmar a confiança e reciprocidade. Trata-se das preocupações que ter com a casa, a família, os filhos, a saúde. Essas singulares preocupações aparentemente menos expressivas para o conjunto da benção fazem com que as benzeiras tenham um prestígio maior que os curadores na medida em que, segundo Quintana (1999, p.27) “a doença não pode ser vista como um processo isolado do seu contexto social”. Assim, é estabelecido um ambiente de reciprocidade do benzido com a benzeira à medida que ambos se identificam com as mesmas aflições.

Outro fator importante diretamente ligado a benzeira diz respeito à relação direta entre a bondade e o sacrifício feminino. Esses atributos são essenciais para fortalecer as características da benzeira perante o benzido. Mesmo tendo sido desoneradas de várias atividades domésticas

por conta da benção, elas ainda se ocupam com algumas questões familiares que, de certa maneira, tendem a ser uma tarefa a mais. Ajudar um parente doente, se dedicar ao outro, além do tempo destinado a benção, constrói na benzedeira a imagem de uma vida inteira de doação, criando assim a representação da mulher bondosa e despojada. Ao se referirem sobre os seus afazeres em relação aos familiares que tem problemas de saúde, dona Rosa Gomes e dona Zenaide, fazem o seguinte balanço:

A minha irmã não faz as coisas pra ela porque ela quebrou a perna. Por isso ela não anda, então ela não pode fazer mais nada. Sou eu quem ajuda ela. Ela tá doente, tá com vinte anos doente e esse tempo todo eu ajudo ela. Eu varro, eu faço a comida dela, eu limpo a casa pra ela, eu faço tudo aí por ela. Eu ajudo a minha irmã porque eu tenho vontade de ajudar ela mesmo. E também porque não tem quem faça pra ela e por isso eu faço. São só duas irmãs e um irmão. Mas sou eu quem mora mais perto dela, e por isso eu tenho que ajudar. Pois eu moro perto pertinho dela. O outro irmão mora mais longe e eu moro aqui quase junto dela, eu nunca deixei de ajudar ela. (Dona Rosa, entrevista/pesquisa de campo).

Olha eu me levanto da cama quatro horas da manhã. Quatro horas eu já estou de pé. Quando são seis horas a minha mesa já está arrumada, o meu café já está em cima da mesa. Hoje, por exemplo, foi um sacrifício pra mim, porque eu não tinha gás para trabalhar. Mas mesmo assim, o mingauzinho do doente<sup>3</sup> já está pronto. Tudo eu já procurei ajeitar em casa. Na minha casa o que eu preciso fazer eu faço, mas não pense que é fácil. (Dona Zenaide, entrevista/pesquisa de campo).

Cuidar de uma pessoa doente ou que precise de algum tipo de ajuda não é um atributo exclusivo das benzedeadas. Mas ao se portarem desta maneira, elas criam nas pessoas que as procuram uma imagem de alguém muito bondosa, que se sacrifica pelos outros. Assim, benção e sacrifício parecem ser atributos ligados ao ofício da benzedeira, pois Cristo e os santos, evocados nas orações para os diversos males também se sacrificaram. Para Quintana (1999, p.84) “o fiel por meio do sacrifício, passa a ser credor frente à divindade, a qual começa a ser vista como portadora de uma dívida para com ele”. Assim, o sacrifício da mulher benzedeira aparece como uma espécie de oferenda e obediência ao sagrado, mantendo uma relação de reciprocidade através do sofrimento.

---

<sup>3</sup> O “doente” que dona Zenaide se refere é seu marido que após um derrame vive deitado em uma rede e não consegue andar e nem falar. Ele depende exclusivamente de sua ajuda para fazer suas necessidades higiênicas e de alimentação. Daí a preocupação de dona Zenaide em deixar a “mesa arrumada” bem cedo para que sobre mais tempo de cuidar dele, iniciando sua ajuda com “o mingauzinho” dado ao marido.

As mulheres benzedoras de Parintins ao se relacionarem com sua clientela que na maioria das vezes são mães em busca da saúde dos filhos, tornam-se agentes de transformação social, pois mostram através de suas práticas de cura que não estão à margem da sociedade. Pelo contrário, ao oferecerem uma nova alternativa de interpretação do mundo elas intervêm no meio em que atuam, contribuindo para a afirmação da mulher em uma sociedade que ainda é marcada pela predominância masculina. Daí a importância de seu papel na sociedade parintinense, pois ao se manifestarem socialmente as benzedoras modificam as normas e diminuem as contradições de gênero.

No discurso das benzedoras e em suas histórias de vida percebemos uma nova maneira de interpretação da realidade social, movida pela mediação com o divino contido na prática da benção. Essas práticas sofrem fortemente a influência do cristianismo que reorganiza as ideias das benzedoras, sua forma de pensar o mundo com base nas relações sociais que se estabelece com o sagrado. Como observamos, no campo da saúde não existe uma rivalidade direta com a medicina oficial por parte das benzedoras, que sabem que sua atuação se realiza em uma área específica, distinta, e desconhecida dos médicos, e, portanto, sem conflitos. A cura se faz por procedimentos que visam estabelecer a ordem do corpo e do espírito. Daí elas sustentarem seus procedimentos no catolicismo, pois sendo a doença uma desordem, a cura, por sua vez, vai procurar uma reordenação, dando um novo significado. Assim, quebranto, mau-olhado ou ezipla, entre outras, são doenças tratadas com procedimentos e orações de cunho católico pelas benzedoras, e estas doenças não fazem parte do conhecimento da medicina oficial.

#### **Referências Bibliográficas:**

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edmilson de Almeida. **Assim se benze em Minas Gerais**: um estudo sobre a cura através da palavra. 2º ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2004.

OLIVEIRA, Elda Rizzo de. **O que é benção**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. **O que é medicina popular**. São Paulo: Abril Cultural; Brasiliense, 1985.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2008.

QUINTANA, Alberto Manuel. **A ciência da benzedura**: mau-olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise. Baurú: EDUSC, 1999.

SILVEIRA, Diego Omar; BIANCHEZZI, Clarice; TENÓRIO, Adriano Magalhães; REIS, Marcos Vinícius Freitas (org.). *Anais do I Simpósio Norte da ABHR e IX Semana de História do CESP/UEA: Amazônia no plural: religiões, fronteiras e identidades*. Juiz de Fora: ABHR/ Plura, 2017.

TORRES, Iraildes Caldas. **As primeiras-damas e a assistência social**: relações de gênero e poder. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. **As novas amazônidas**. Manaus: EDUA, 2005.